

MEMÓRIA CAMPINEIRA (33)

RUA LUSITANA

Não há quem a desconheça. Trata-se de rua das mais antigas de Campinas. Numa extensão de quase dois quilômetros, corta toda a parte velha da cidade, com início na rua Proença e término na antiga rua da Ponte, hoje Major Sólón. Leopoldo Amaral, jornalista e cronista campineiro, de cujos escritos já nos temos valido para esta seção, evocou-a em crônica publicada em abril de 1925 em "O Estado de S. Paulo", o grande órgão da imprensa paulistana do qual Amaral foi, por longos anos, correspondente em nossa cidade. Tal crônica, reunida a dezenas de outras para formar o hoje raríssimo volume **Campinas: recordações** (1927), evoca, em linhas gerais a história da simpática e tradicional via pública campinense. Iniciando-se, como foi indicado, na rua Proença, não longe do conhecido Bosque dos Jequitibás e bem perto de onde se situa hoje o Estádio da Ponte Preta, a rua Lusitana passa ao lado de entidades conhecidas na cidade e que lhe servem de referência: assim, por exemplo, o "Circolo Italiani Uniti" (hoje Casa de Saúde Campinas), um dos maiores hospitais da cidade e a tradicional Igreja de São Benedito; nela foi localizada também a mais antiga igreja evangélica de Campinas, de confissão presbiteriana, ainda existente, embora com templo moderno, no mesmo local. Mas, demos a palavra a Leopoldo Amaral:

"A sua abertura data da fundação da freguesia denominada Nossa Senhora da Conceição das Campinas, 'em sertões trilhados por uma estrada das minas de Goiás e habitados primeiramente por taubateanos a cuja frente se encontra o seu fundador Francisco Barreto Lele'. É o que dizem os primeiros assentamentos da vida local.

Três foram as primeiras ruas da freguesia: de Cima, do Meio e de Baixo. Esta a de que se trata. Não passava a princípio de uma estrada, transitada por viandantes que, das bandas de São Paulo, demandavam Mogi-Mirim e outros pontos do sertão.

As primeiras construções foram acompanhando a tortuosidade da rua. Ainda hoje se verifica tal irregularidade de alinhamento, principalmente no trecho entre as ruas Morais Sales e Major Sólón. Por esta continuava a estrada de Mogi-Mirim e do Amparo.

A lavoura (cana e café) e o comércio caminhavam vagarosa, mas progressivamente. A fertilidade das terras atraía novos moradores, não

só nacionais como estrangeiros. A rua de Baixo foi se tornando o centro comercial e, dentro de alguns anos, para ela convergiram os estabelecimentos de mais nota. Os negociantes e empregados eram quase todos portugueses, moços, que haviam abraçado essa carreira honesta, procurando, por esse meio, ganhar dinheiro e conquistar posição na sociedade em que se encontravam. Estabelecidos com fazendas, ferragens, armarinho ou molhados em sua maioria, constituíram família com arraigada estima à cidade.

A Câmara Municipal já havia dado novas denominações às duas outras ruas: a de **Cima** passou a ser chamada rua **Direita** e a do **Meio** ficou sendo a rua do **Comércio**. A outra, entretanto, foi, não se sabia porque, para o rol das coisas esquecidas. Este fato provocava azedos comentários e preocupava a atenção de muitos dos moradores da rua esquecida.

Para se fazer uma fraca idéia do que era o comércio ali, há uns cinqüenta e poucos anos,¹ mencionaremos alguns nomes de negociantes estabelecidos em diversas épocas: João Francisco Ferreira Jorge, Joaquim Ferreira Zimbres de Queiroz, Francisco J. Martins de Abreu, Antônio Pereira de Sampaio, Cândido Costa Braga, Francisco Ferreira Novo, Manuel Duarte Rezende, Francisco Ferreira de Mesquita, Araújo Maia & Cia., Antônio Joaquim Ribeiro, Antônio Gonçalves dos Santos, José Maria Moutinho, José Júlio de Barros, Diogo Amaral & Cia., Vilares & Queiroz, Carlos Pereira Soares, Francisco José Coelho, José Duarte de Rezende, Antônio Henrique de Carvalho, José Antunes Pereira Bastos, Adão José Barbosa, Cândido Gonçalves dos Santos, José Mesquita dos Santos, José Coelho Ferraz, Pedro José Gomes, José dos Santos Calhelha e muitos outros. Seria um nunca acabar se fôssemos mencionar todos os nomes. Em continuação à rua de **Baixo**, na rua da **Ponte** (**Major Sólton** de hoje) estavam estabelecidos os Irmãos Gomes Pinto, Vicente Ferrão, Silva Martelinho, Leopoldo dos Santos, Ferreira Neto Cia., Francisco Ladeira e outros.

A demonstração aí feita muito pela rama é suficiente para se aquilatar quanto ia de vento em popa o movimento daquela parte da cidade.

Como quase sempre se dá, a mocidade foi quem tratou em primeiro lugar da troca da denominação. Teve ela uma lembrança original. Uma bela manhã os transeuntes ficaram surpreendidos com esta novidade: em diversas esquinas estavam pregadas nas paredes placas com o nome da então mais famosa rua do Rio de Janeiro: **Rua do Ouvidor**. Uns riam, achando graça, outros comentavam filosoficamente, parados enfrente das placas. O caso atraía a atenção geral. Ninguém sabia quem fosse o seu autor. A Câmara Municipal não gostou da graça. Muita gente via no bojo da tal lembrança, uma censura em pilhérica forma disfarçada.

(1) É preciso ter em mente que o autor escrevia em 1925; portanto aos seus "cinqüenta e poucos anos" devem ser somados os sessenta e tantos decorridos de então.

Resultado de tudo isso: porque o elemento português ali se manifestava dando vida ao progresso da cidade, a Câmara Municipal, em sua reunião de 11 de dezembro de 1871, resolveu, por proposta do vereador capitão Joaquim Corrêa Dias, dar àquela antiga rua a denominação de **Rua Lusitana**.

Correram os anos sobre esses acontecimentos e o comércio ficou muito reduzido naquele local. O movimento foi aos poucos seguindo para o alto da cidade, depois da inauguração da estrada de ferro (1872). A rua Lusitana deixou de ser com o tempo o que dantes era.

Estalou a revolta da Armada, no Rio e a dos federalistas no Sul do País, em 1893. Ficaram estremecidas as relações diplomáticas entre os governos português e brasileiro, por motivo que nada adiantam a estas reminiscências.

A Câmara Municipal, por solidariedade e acompanhando o sentir da Pátria, retirou a denominação **Lusitana**, substituindo-a pelo nome de **General Carneiro**, em homenagem à memória do bravo militar assim chamado, morto heroicamente no Paraná, quando em combate, na defesa do governo legal. Entendiam alguns que Portugal já contava com uma significativa homenagem em Campinas, a **Praça Luís de Camões**.

Com o tempo, porém, por deliberação também da municipalidade, foi restabelecida a denominação **Lusitana**, como desagravo, talvez, ou como uma reivindicação de direitos adquiridos. E o nome do bravo General Carneiro foi atribuído a uma rua nova, no alto da cidade, nas imediações da fábrica de seda, importante indústria local".²

(2) Com o tempo o Instituto de Sericultura, mantido em Campinas por muito tempo pela Secretaria da Agricultura, à rua General Carneiro, acabou sendo desativado, embora o grande edifício que o abrigava ainda exista, dedicado a outras finalidades.